

DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania
GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local

Uma Proposta Metodológica de Análise de Redes Sociais para o Desenvolvimento Local¹

María Salett Tauk Santos²
Claudia Kenbel³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica de análise de redes sociais para o desenvolvimento local. O ponto de partida foi a realização de um cotejamento das teorias que trabalham o conceito de redes sociais. O estudo volta-se às redes, tanto físicas quanto virtuais, que atuam em problemáticas de desenvolvimento, articulando laços entre comunidades, organizações governamentais e não governamentais e estado. Num segundo momento, respaldado na teoria do desenvolvimento local e na observação de experiências empíricas sobre o tema, o estudo propõe uma série de objetivos para instrumentalizar a pesquisa de redes em processos de construção do desenvolvimento local. A originalidade da proposta é a construção de uma metodologia de análise relacional de redes, contemplando as culturas populares na condição de atores protagonistas dos processos de desenvolvimento.

Palavras-chave: redes sociais; desenvolvimento local; análise relacional; culturas populares

Introdução

Os avanços tecnológicos e do funcionamento dos mercados financeiros impulsionaram o engendramento de uma sociedade em rede. O tema de rede ganhou

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação. Professora titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE. E-mail: mstauk@hotmail.com

³ Doutora em Comunicação Social. Professora da Universidad Nacional do Río Cuarto (Argentina). Bolsista de Pós-Doutorado do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas. CONICET (Argentina). E-mail: claudiakenbel@yahoo.com.ar

relevância na comunidade científica a partir dos anos de 1970 quando começa a se desenvolver um campo de estudo chamado de “social network analysis”. Para Scherer-Warren (2007) a análise de redes parte da compreensão de que a vida dos indivíduos depende da maneira como se acham ligados a um conjunto de conexões sociais dentro de uma dada estrutura.

A autora classifica as redes sociais em duas instancias: as primárias, interindividuais ou coletivas, cujas características consistem em serem presenciais, atuarem em espaços contíguos e manterem relação com um território delimitado; e as redes virtuais, oriundas do ciberativismo que se caracterizam por serem intencionais, extrapolarem as fronteiras espaciais das redes presenciais “criando territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais e ideológicas” (Scherer-Warren 2007: 39). Entretanto os dois tipos de redes, como assinala a autora, podem ter impacto e se influenciarem mutuamente, numa dialética permanente entre o local e o global, entre o presencial e o virtual.

Abordagens das redes sociais

Ao longo do tempo o sentido de rede se distancia dos seus referentes antigos e assume uma abrangência que permite ser apropriado pelas mais diferentes áreas do conhecimento e das ações humanas. A noção de rede como forma de pensar e organizar o mundo vem se tornando cada vez mais hegemônica ao ponto de ser considerada senão um novo paradigma em gestação, ao menos uma construção de uma nova “racionalidade reticular” como assinala Parrochia (2001) apud Portugal, 2014: 45.

As razões da popularidade que assumiu o conceito de rede explica Silvia Portugal baseada em Lemieux (2000), deve-se a duas razões fundamentais: o desenvolvimento dos meios de comunicação, que possibilitam conexões onde antes imperava o isolamento; e a valorização das relações entre as pessoas e as coisas (Portugal, 2014: 45).

Os estudos das redes sociais, que nasceram no âmbito das pesquisas nos campos da sociologia, antropologia e psicologia social, a partir dos anos de 1990 essas abordagens se espraiam para outros campos científicos como o da engenharia, da medicina, da matemática, entre outras, em defesa de uma “nova ciência das redes”, a

partir de uma visão de mundo no qual tudo acha-se conectado (Portugal, 2014:46). Nas ciências sociais, campo que nos interessa, a abordagem com maior poder explicativo do fenômeno das relações sociais em rede é a da análise relacional. Na perspectiva dos estudos culturais e da sociologia da cultura encontramos antecedentes que remontam a Antonio Gramsci e seu marco analítico da dinâmica histórica. A esse respeito Hall, interpretando Gramsci, explica que a análise é um assunto “relacional”, quer dizer “uma questão que deve ser resolvida relacionalmente, utilizando a ideia de balanço inconstante ou de processo contínuo de formação e superação do equilíbrio inconstante” (Hall, 1996:18). Pois o fundamental são as relações de força favoráveis ou desfavoráveis a esta ou àquela tendência.

Nessa mesma direção, e a partir do campo da história, Perry Anderson analisa a relação entre estrutura e sujeito e conclui sobre a necessidade de estabelecer uma “teoria das relações historicamente determinadas e setorialmente diferenciadas que só pode ser desenvolvida numa relação dialética de interdependência” (1988: 65).

Em um trabalho empírico, Claudia Kenbel (2013: 95)⁴ utiliza esta estratégia metodológica para analisar a maneira como se dá a disputa pela legitimidade da ordem social urbana moderna, através da cultura. Neste caso a análise volta-se “ao modo como se configura essa ordem na medida em que permite reconhecer os elementos que legitimam as concepções e a maneira como estão relacionadas a práticas concretas em em períodos historicamente determinados” (2013: 96).

A partir dessa compreensão, portanto, as categorias em que se classificam os indivíduos são reflexos das relações que os unem entre si. Como assinala Degenne e Forsé, “essas categorias não podem ser dadas a priori e definitivamente, mas antes emergir da análise das relações entre os elementos que compõem a estrutura⁵” (Degenne e Forsé, 1994 apud Portugal, 2014: 50). O ponto de partida da pesquisa, como resume Portugal, não deve ser um conjunto de unidades independentes, mas antes as relações que as interligam. Dessa maneira não é possível compreender a estrutura ignorando as

⁴ A respeito desta estratégia metodológica ver: Kenbel, Claudia. “Hitos conflitantes e tensões de sentido: uma proposta de abordagem comunicacional para o problema da ordem social”. Anais do XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Lima, Perú, 2014. Disponible em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/>

relações que se estabelecem entre os diversos elementos que a compõem. A análise das redes deve buscar, como acrescenta Portugal (2014:50), “as regularidades, grupos, categorizações, de modo indutivo, através da análise do conjunto de relações”. A vantagem do método de análise relacional é que ele favorece o estudo do modo como os indivíduos acham-se condicionados pelo contexto social que os envolve; e o modo como esses indivíduos usam e modificam tais contextos de acordo com os seus interesses (Wellman, 1985 apud Portugal 2014).

Assim a análise das redes possibilita focar o estudo no comportamento individual, seja de pessoas ou instituições, sem perder de vista a sua inserção nas estruturas sociais. Como ressalta Marsden e Lin a “network analysis oferece novas abordagens para o estudo da estrutura social e para lidar com o problema complexo de integrar diferentes níveis de análise: o modo como a ação individual cria a estrutura social, uma vez criada, constrange a ação individual e coletiva; o modo como as atitudes e comportamentos dos atores são determinados pelo contexto social, em que a ação ocorre” (Marsden e Lin, 1985 apud Portugal, 2014: 51).

Redes Sociais e Desenvolvimento Local

A partir desses aportes teóricos, qual seria a contribuição da teoria das redes para os estudos da comunicação para o desenvolvimento local? O ponto de partida para análise da convergência entre a “network analysis” e a teoria da comunicação para o desenvolvimento é conceitual.

O conceito de rede social permite, como assinala Portugal (2014), estudar a forma como os indivíduos mobilizam as relações sociais no sentido de satisfazer às suas necessidades de bem-estar. Esta compreensão é convergente com o sentido do desenvolvimento local entendido como “o processo de construção de oportunidades e de melhores condições de vida para populações locais, mobilizando capacidades e energias endógenas” (Araújo, 1997).

Para Augusto de Franco (1998:9) o desenvolvimento local integrado e sustentável “possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de suprir suas

necessidades imediatas, descobrir ou despertar suas vocações locais e desenvolver suas potencialidades específicas, além de fomentar o intercâmbio externo, aproveitando-se de suas vantagens locais”.

O desenvolvimento local pressupõe, como afirmam Tauk Santos e Lima (2006) a melhoria da qualidade de vida das pessoas; a participação da população envolvida; o desenvolvimento de ações em rede para promover a concertação dos diferentes atores; a mobilização das comunidades locais para o empoderamento incluindo questões de gênero, ambiental, étnica, articulação do trabalho de parcerias das organizações governamentais, não governamentais e comunidades locais; capacitação das populações para a organização e produção econômica; articulação das associações, conselhos municipais e organizações públicas e privadas nos âmbitos municipal, regional, estadual, nacional.

O desenvolvimento local é, como define Buarque (2002:26), “o resultado de múltiplas ações convergentes e complementares, capaz de quebrar a dependência e a inércia do subdesenvolvimento e do atraso em localidades periféricas e de promover uma mudança social no território”. Ora, se o desenvolvimento é o resultado de múltiplas ações, precisa da convergência de múltiplos atores sociais. Para isso uma análise com foco nas redes e no modo como a comunicação articula interesses, visões de mundo e a própria noção de desenvolvimento, aparece como pertinente e oportuna resposta tanto para a ação no território, quanto para atender ao objetivo da pesquisa. À pergunta de como se estuda o desenvolvimento, a perspectiva de redes constitui um aporte em linha com a convergência desejada.

A partir desses pressupostos que demonstram a convergência e a pertinência da análise de redes para estudos sobre o desenvolvimento, qual seria o papel da comunicação nesse processo onde acham-se incluídas as culturas populares?

Comunicação para o desenvolvimento e culturas populares

A comunicação para o desenvolvimento constitui um processo de produção de sentido voltado à construir mudança social, especialmente no que diz respeito às culturas populares. Nessa perspectiva, Tauk Santos afirma que “compreender os sentidos do popular contemporâneo implica abandonar conceitos que consideram as

culturas populares como essência pura” (2009:121). No sentido que trabalha Cirese de que “a popularidade deve ser estabelecida como fato e não como essência, como posição relacional e não substância” (Cirese(1979) apud Garcia Canclini, 1988:41). A compreensão do caráter relacional das culturas populares está na própria maneira de estar no mundo. Para Canclini as culturas populares existem “porque a reprodução desigual da sociedade gera uma apropriação desigual dos bens econômicos e culturais por parte de diferentes classes e grupos na produção e no consumo. e uma interação conflitiva com as classes hegemônicas pela apropriação dos bens.”(García Canclini 1988:49). Desse modo, partindo do popular, como assinala Tauk Santos (2009: 118) chegamos “à compreensão da desigualdade e da subalternidade a que o popular acha-se submetido em uma sociedade de classes, assim como à abordagem do caráter conflitivo das culturas populares”.

Entretanto, as mudanças socioculturais decorrentes do processo de globalização, como assinala Tauk Santos (2009:118) mudaram a forma de pensar as culturas populares. “No lugar de pensa-las de forma relacional à cultura hegemônica, mediatizada pela noção de classe, passa-se a uma abordagem considerando-as em processo de hibridização com a cultura massiva e as suas relações com o consumo”. É o próprio Canclini quem chama atenção para esta mudança quando afirma que “O problema que enfrentam as sociedades contemporâneas é mais de explosão e dispersão das referências culturais que de homogeneização” (García Canclini, 2004:23).

A partir desses pressupostos e considerando um processo de comunicação para o desenvolvimento local envolvendo as culturas populares, deve ser levado em conta algumas considerações: a) a existência das culturas populares como produto da reprodução desigual da sociedade (García Canclini, 1988: 49); b) A compreensão de que “a principal característica das culturas populares é a contingência dessas culturas, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dá de forma incompleta, desigual e desnivelada” (Tauk Santos, 2009: 121); c) a ideia de que as culturas populares contemporâneas vivem um processo permanente de hibridização com a cultura massiva; d) A importância de incluir o que culturalmente as culturas populares produzem, mas também o que consomem, não como “algo limitado ao que se relaciona com o seu passado, mas também e principalmente ligado á modernidade, á mestiçagem e à complexidade do urbano” (Martín-Barbero, 1987: 56).

Nessa direção, a construção da mudança na perspectiva do desenvolvimento constitui o cerne da comunicação para o desenvolvimento, aí incluídos a extensão rural e a comunicação rural (Tauk Santos, 2010:302). Compreender o significado da comunicação para o desenvolvimento, como afirma Tauk Santos, implica em cotejar os sentidos que a mudança incorporou, particularmente nas três fases historicamente construídas, ao longo da sua trajetória. A da mudança induzida; a da mudança construída; e a da gestão da mudança para o desenvolvimento local. (Tauk Santos, 2010).

De forma resumida vejamos o papel da comunicação em cada uma das três fases. A primeira fase corresponde ao modelo difusionista modernizador. Nesse modelo a comunicação para o desenvolvimento assume o papel fundamental de difundir as informações modernizadoras e viabilizar uma doutrina voltada a persuadir as populações rurais a aceitarem a propaganda dessas ideias. A corrente teórica que norteia o difusionismo baseia-se nos teóricos da comunicação David Lerner(1958), Everett Rogers(1952), David Berlo(1960), Wilbur Schramm (1964), entre outros.

A segunda fase, da mudança construída, surge a partir da crítica de Paulo Freire ao modelo difusionista modernizador, em seu livro *Extensão ou Comunicação?* (Freire,1971). Ao contrário da teoria difusionista que considera a população de contexto popular, envolvida no processo de desenvolvimento, como objeto da mudança, na teoria freireana essa população passa à condição de ator protagonista, empenhado na transformação da realidade (Tauk Santos, 2010). A proposta freireana se consolida na comunicação para o desenvolvimento, particularmente, pelos estudos de Juan Diaz Bordenave (1988) e João Bosco Pinto (1996).

O compromisso político da Comunicação para o Desenvolvimento com as culturas populares se fortalece a partir dos anos de 1980, tempo em que adere à teoria dos Estudos Culturais latino-americanos, via aportes de Jesus Martín-Barbero (1987) e Néstor García Canclini (1988) incorporando a perspectiva dos estudos de recepção voltada às análises dos usos e apropriações e do consumo das propostas de desenvolvimento das organizações governamentais, não governamentais e da mídia em contextos populares.

O processo acelerado da globalização, a crise operada pela tecnologia combinada às mudanças socioeconômicas, culturais e ambientais, a partir dos anos de 1990 produziram transformações sem precedente nos contextos rurais em desenvolvimento. Entre essas transformações observa-se a tendência a uma homogeneização nas formas das populações rurais darem sentido às suas vidas, como resultado da influencia da cultura massiva; e a necessidade urgente de construir a sustentabilidade. (Tauk Santos, 2008).

Neste cenário a comunicação para o desenvolvimento entra em sua terceira fase, assumindo a perspectiva da construção e gestão do desenvolvimento local voltado a “um esforço de mobilização de pequenos grupos no município, na comunidade, no bairro, na rua, a fim de resolver problemas imediatos ligados às questões de sobrevivência econômica, de democratização das decisões, de promoção de justiça social” (Tauk Santos; Callou, 1995:45). Estas ações no âmbito local não devem, entretanto, como assinalam os autores, perder de vista a perspectiva do global sem caracterizar um processo de subordinação.

Nessa perspectiva, a comunicação para o desenvolvimento local, na terceira fase, assume o sentido de planejar e executar localmente políticas voltadas à: encorajar a solução de problemas do autodesenvolvimento econômico e social das comunidades de agricultores familiares, pescadores artesanais, quilombolas, povos das florestas e indígenas; articular ações ambientais, econômicas e sociais com vistas ao desenvolvimento sustentável; promover o empoderamento das associações populares, fortalecendo as lideranças e os conselhos municipais na defesa de temas prioritários de interesse dessas populações; estimular a criação, no plano organizacional, de associações comunitárias e cooperativas, particularmente as de trabalho e de habitação; viabilizar a participação das mulheres e dos jovens na produção econômica e cultural da comunidade; articular a concertação entre organizações governamentais, não governamentais e população local; estimular a articulação e participação dos diferentes atores de redes sociais materiais e virtuais; e viabilizar ações permanentes de educação, capacitação e assistência técnica para a população envolvida no desenvolvimento local (Tauk Santos, 2010:304-305).

Tecendo redes para o desenvolvimento local

Os pressupostos teóricos sobre a provável relação de causalidade existente entre redes sociais e o desenvolvimento local constituíram o ponto de partida do projeto de pesquisa *Tecendo Redes de Comunicação para Desenvolvimento local no Sertão do Pajeú*. O objetivo mais amplo do projeto é analisar as redes de comunicação como estratégias de construção do desenvolvimento local na Região do Sertão do Pajeú, em Pernambuco. Trata-se de um projeto a ser desenvolvido com alunos do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no âmbito da disciplina Comunicação e Culturas Populares.

Considerando a comunicação para o desenvolvimento enquanto práticas sociais, procuramos formular objetivos específicos articulando as ações de comunicação às redes para o desenvolvimento local. Assim foram contemplados o cotidiano dos indivíduos envolvidos no processo de construção do desenvolvimento local, as populações dos contextos populares; o cotidiano das organizações governamentais e não governamentais envolvidas no processo; as dinâmicas das redes sociais; e os contextos de atuação do desenvolvimento local. Esses objetivos foram formulados a partir da experiência em estudos empíricos desenvolvidos pelas autoras no campo da análise relacional (Kenbel, 2013); no campo da teoria da comunicação para o desenvolvimento local (Tauf Santos, 2010) e nas abordagens das estratégias de comunicação para o desenvolvimento local (Callou; Tauf Santos, 2014).

No caso específico da presente pesquisa, a análise relacional implica num processo concomitante de reconhecimento dos elementos denominados “estruturais” que formam o cenário do desenvolvimento local (indivíduos e organizações), assim como das dinâmicas e trajetórias seguidas por esses indivíduos e organizações em conjunturas político históricas determinadas. Tais dinâmicas representadas aqui pelos objetivos voltados às dinâmicas sociais, assim como pelos que se referem aos contextos de atuação dos projetos de desenvolvimento local. Assim os elementos identificados na primeira instância -indivíduos e organizações- não constituem categorias *a priori*, nem assumem posturas essencialistas. É o contexto de atuação e as dinâmicas sociais que ordenam e organizam a leitura de conjunto que se obtém como resultado.

Objetivos voltados ao cotidiano dos indivíduos envolvidos no desenvolvimento local

- Identificar as mediações de procedência, de formação, de pertencimento a classes sociais, culturais e territoriais das populações envolvidas nos processos de desenvolvimento local;
- Analisar as dinâmicas laborais, formas de associativismo e participação política das populações dos contextos populares envolvidos em projetos de desenvolvimento local.
- Analisar o consumo cultural, as linguagens, usos dos espaços, momentos de encontro e formas de comunicação construídos cotidianamente pela população;
- Identificar lideranças comunitárias envolvidas na gestão dos processos de desenvolvimento local no território em estudo, cotejando os sentidos que atribuem ao desenvolvimento e aos usos das redes sociais.
- Explorar o sentido atribuído ao desenvolvimento local por meio da história oral e das práticas cotidianas das populações.
- Explorar as percepções que os indivíduos têm acerca das organizações que desenvolvem projetos e ações diversas na comunidade.

Objetivos voltados às Organizações envolvidas no desenvolvimento local:

- Mapear as organizações formais, governamentais e não governamentais que desenvolvem ações de desenvolvimento local nos territórios;
- Agrupar as organizações a partir de critérios tais como: áreas de interesse, populações com as quais trabalham, linhas estratégicas de ação no território.
- Indagar acerca das possibilidades concretas que tem as organizações para viabilizar, colocar na agenda e/ ou participar da formulação de políticas públicas nos territórios em estudo.
- Explorar as percepções que as organizações tem das populações e dos territórios onde desenvolvem projetos e ações diversas.

- Mapear/descrever as estratégias de comunicação: níveis (interpessoal, grupal, massivo, redes); fluxos(ascendente, descendente, lateral); redes (formal e informal meios, presenciais e/ou virtuais); e mensagens utilizadas pelas organizações para se comunicarem com as outras organizações, governamentais e não governamentais, envolvidas no esforço de construção do desenvolvimento local e com as mídias.
- Identificar as estratégias de comunicação utilizadas por essas organizações para se comunicar com as populações de contextos populares envolvidas nos projetos de desenvolvimento local.

Objetivos voltados às dinâmicas das redes no desenvolvimento local:

- Identificar a existência de redes sociais, presenciais e virtuais, “tecidas” pelas organizações governamentais e não governamentais, com ênfase em suas dinâmicas;
- Analisar o fator motivacional e as dinâmicas que contribuíram para desencadear a construção da rede envolvendo os diferentes atores que participam do processo de desenvolvimento local.
- Analisar, no âmbito das redes presenciais e/ou virtuais, as estratégias de comunicação utilizadas por essas organizações para se comunicar com outras organizações e com as populações de contextos populares envolvidas nos projetos de desenvolvimento local;
- Analisar os usos e apropriações das mídias e redes sociais pelos atores de contextos populares envolvidos no processo de construção do desenvolvimento local.
- Identificar no âmbito das organizações as modalidades de articulação em rede; as capacidades para atuar em rede; os atores reconhecidos como partes da rede; e os valores comuns que orientam as ações dos diferentes atores envolvidos na rede para o desenvolvimento local.
- Construir um modelo de análise de dados com vistas aos processos de comunicação das organizações e suas relações, em rede, com o espaço público, que possibilite identificar as possibilidades e os limites dessas interações para o desenvolvimento local.

Objetivos voltados ao contexto de atuação do desenvolvimento local:

- Explorar o sentido atribuído ao território pelos atores envolvidos nos processos de desenvolvimento local;
- Compreender os processos sociais, históricos, culturais e políticos das comunidades através da reconstrução da sua história coletiva;
- Avançar na análise de dados que incorporam e recuperam o contexto como elemento chave para compreender a leitura que as culturas populares fazem das ações do desenvolvimento local;
- Identificar os fatores históricos e políticos que constituem situações de conflito envolvendo organizações e população no processo de desenvolvimento local, assim como quais os atores intervenientes no conflito e como se comportam essas populações em relação às propostas de solução;
- Pesquisar os temas/ valores a partir dos quais as comunidades de contexto popular constroem consensos com os demais atores envolvidos no desenvolvimento local a partir dos quais alimentam ações que possibilitam dar continuidade a novos processos de articulação.

Considerações Finais

De forma bem preliminar iniciamos um estudo exploratório para teste deste modelo metodológico de análise de redes sociais. Escolhemos o Sertão do Pajeú, em Pernambuco como cenário da pesquisa por se tratar de uma região onde é abundante a presença de organizações não governamentais operando políticas governamentais de desenvolvimento local, via chamada pública. Lá encontramos um verdadeiro manancial de redes tecidas pelas organizações Casa da Mulher do Nordeste, Diaconia, Centro Sabiá, ASA, IPA entre outras.

É cedo para arriscar alguma conclusão sobre os resultados daquele trabalho no desenvolvimento local daquela região. Entretanto ficamos impressionados com a capacidade daquelas organizações em envolver homens e mulheres agricultores familiares, transformando-os em atores no esforço de atar laços e nós da rede que constrói o desenvolvimento local.

Referências

ARAÚJO, T. B. **Desenvolvimento local**: possibilidades e limites. Recife, 1997 (mimeo).

- BERLO, D. **O processo da comunicação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.
- BORDENAVE, J. D. **O que é comunicação rural?** São Paulo:- Brasiliense, 1988.
- BUARQUE, S.C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CALLOU, A.B.F.; TAUKE SANTOS, M.S. Estratégias governamentais de comunicação para o associativismo e desenvolvimento local. In: CALLOU, A.B.F.; TAUKE SANTOS, M. S. **Extensão rural- extensão pesqueira: estratégias de comunicação para o desenvolvimento**. Recife: FASA, 2014, p.409-421.
- CIRESE, A. M. **Ensayos sobre as culturas subalternas**. Mexico: CISINAH, 1979
- DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Les réseaux sociaux**. Paris: Armand Colin, 1994.
- FRANCO, A.D. Desenvolvimento local integrado e sustentável Dez consensos. In: **Revista Proposta** n° 78 Set/Nov de 1998, p.9.
- GARCÍA CANCLINI, N.; RONCAGLIOLO, R. **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima: IPAL, 1988.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Mapas da interculturalidad. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.
- HALL, S. La importância de Gramsci para el estudio de la raza y la etnia. In: **Critical Dialogue**. Tradução Silvina Berti. Rio Cuarto: UNRC, 1996.
- KENBEL, Claudia. **Circuitos culturales y tensiones de sentido: la rurbanidad según las memorias sociales em la ciudad de Rio Cuarto, 2013 Tese (Doutorado em Comunicação) Faculdade de Ciência Política e Relações Internacionais, Universidade de Rosário, Argentina.**
- KENBEL, Claudia. Hitos conflitantes e tensões de sentido: uma proposta de abordagem comunicacional para o problema da ordem social. **Anais do XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación**. Lima, Perú, 2014. Disponible em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/>
- LEMIEUX, V. **À quoi sert les réseaux sociaux?** Québec: Les Éditions de L'IQRC, 2000.
- LERNER, D. **The passing of traditional society – modernizing the middle east**. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1958.
- MARSDEN, P.V.; LIN, N. Introduction. In: MARSDEN, P.V.; LIN, N.(eds.) **Social Structure and network analyses**. Beverly Hills: Sage, 1985
- MARTIN-BARBERO, J. **De los médios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia**. Barcelona: Editorial G.Gili, S..A., 1987.
- PARROCHIA, D.(dir.) **Penser les reseaux**. Seyssel: Éditions Champ Vallon, 2001.

PINTO, J. B. **La comunicación participat6ria como pedagogia del cambio**: fundamentos epistemol6gicos. In: Cadernos de Comunica76o ABEPEC, ano 2, n6 1. S6o Paulo: NTC, 1996, p.7-17.

PORTUGAL, S. **Fam6lias e redes sociais**: liga76es fortes na produ76o de bem-estar. Coimbra, PT: Edi76es Almedina S/A, 2014.

ROGERS, E. **The diffusion of innovations**. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1962.

SCHRAMM, W. **Mass media and national development**: the role of information in developing countries. Urbana, Champagne: University of Illinois Press, 1964.

SHERER-WARREN, L. Redes sociais: trajet6rias e fronteiras. In: DIAS, L. C; SILVEIRA, R.L.L.(Org.). **Redes sociais e territ6rios**. 2.ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, p.29-50.

TAUK SANTOS, M.S. Comunica76o Rural. In: MELO, J.M. de. (Org.) **Enciclop6dia Intercom de Comunica76o**. 1^a ed. S6o Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunica76o- 2010, v.1, p.302-304.

TAUK SANTOS, M.S. Pedagogia da sustentabilidade: comunica76o e ecologia no ensino da extens6o rural. In: MELO, J.M. de (org.) **M6dia, ecologia e sociedade**. S6o Paulo: Intercom, 2008, p.291-307.

TAUK SANTOS, M.S; LIMA, C. D. Desafios cooperativos e estrat6gias de comunica76o das incubadoras tecnol6gicas de cooperativas populares. **Revista Unircoop**, v.4, n. 1, 2006, p.128-147.

TAUK SANTOS, M.S.; CALLOU, A.B.F. Desafios da comunica76o rural em tempos de desenvolvimento local. **Signo- Revista de Comunica76o Integrada**. Universidade Federal da Para6ba, ano II, n.3,1995, p.42-47.

TAUK SANTOS, M.S. Receptores imaginados: os sentidos do popular. **Revista Signos do Consumo**, n.1 S6o Paulo: ECA/USP, 2009, p.115-127.

WELLMAN, B. Studing personal communities. In: MARSDEN, P.V.; LIN, N.(eds.) **Social Structure and network analyses**. Beverly Hills: Sage, 1985, p.61-103.